

Pela Aliança, Sarney ^{discurso} sobe ao

BARTOLOMEU RODRIGUES
Enviado especial

Saudado como estadista ao longo dos 513 quilômetros de ferrovia que percorreu, o presidente José Sarney finalmente admitiu ontem sua participação nos comícios e nas campanhas a governos estaduais em novembro, "se este for o desejo da Aliança Democrática". Sarney chegou a enfrentar calor de até 40 graus para saudar gente simples amontoadada em pequenas estações à beira da ferrovia que transporta o minério do projeto Grande Carajás, no Pará, para o terminal da Ponta da Madeira, em São Luís. O presidente estava emocionado, e o clima de campanha eleitoral contagiou até o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, que era reconhecido pela multidão e concedia autógrafos.

Sarney reconheceu que sua popularidade se deve, em grande parte, ao pacote econômico. Na estação de Santa Inês, a 264 quilômetros de São Luís, suado, despenteado, o presidente teve de superar as falhas do sistema de som montado improvisadamente para gritar o slogan "Sejam tocos fiscais do Sarney". Uma professora primária, cantora da igreja batista local, cantou quase desmaiando um hino ao "presidente que mudou o povo", e dona Marly Sarney foi aclamada como "a grande primeira-dama do País".

Tudo era festa ao longo da ferrovia e, enquanto as pessoas disputavam a empurrões um abraço no presidente, uma comitiva de políticos consumia 102 doses de uísque escocês, 600 canapés, 190 copos de água mineral e 140 refeições. Entre os políticos estava o próprio filho do presidente, Sarney Filho, o Zequinha, defendendo arduamente o engajamento do pai nas campanhas eleitorais. "A experiência mostra que onde o presidente não participou ativamente a Aliança Democrática fracassou", disse ele, lembrando os casos de São Paulo e de sua terra natal, São Luís, onde venceu Gardênia Gonçalves, candidata do PDS.

Atualmente, como confirma o filho, o prestígio do presidente da República é outro, os políticos disputam o seu apoio a qualquer preço. No trem, nada menos de sete candidatas a governo do Estado do Maranhão davam mostras disto, entre os quais os deputados Epitácio Cafeteira (do PDT mas disposto a ir para o PMDB), Edson Lobão (do PDS e na mesma situação) e os senadores Américo de Sousa (presidente regional do PFL) e o biônico Alexandre Costa (do PDS), com Sarney, tentava costurar um acordo maranhense o atual governador Luiz Rocha, embora estivesse irreduzível e só aceitasse um candidato de seu grupo do PFL como cabeça de chapa.

Sarney sentiu o peso da disputa ao desembarcar, às 8h45, no aeroporto de Imperatriz. A festa era do PFL, promovida pelo prefeito local, José Ribamar Fiquene. O presidente tomou um ônibus e a 70 quilômetros dali encontrou a festa do PMDB, patrocinada pelo presidente do PMDB em Acailândia, Onofre Correa, que

mandou distribuir cem mil tabelas de preços de produtos congelados ao povo. A demonstração sensibilizou Sarney. "Isto aqui faz a gente acreditar no Brasil" — afirmou, improvisando um discurso.

"TRANSFORMAÇÃO GIGANTESCA"

Para o ministro Pazzianotto, que participou da viagem com os colegas José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio, Reinaldo Tavares, dos Transportes, Vicente Fialho, da Irrigação, e o general Bayma Denis, do Gabinete Militar, a manifestação de Acailândia foi o ponto de partida de uma excursão na qual Sarney demonstrou uma vitalidade surpreendente. Mesmo avisado de que os panfletos faziam parte de uma campanha política local, o ministro insistiu: "Pois então que outros políticos imitem esse gesto. É válido, sim. Tudo pelo programa de estabilização da economia".

No Município de Santa Luzia, ao descer pela primeira vez do trem, Sarney disse aos maranhenses que o Brasil precisa "de uma grande transformação". Horas depois, no meio da tarde, ao saudar a população de Santa Inês, o presidente disse que uma transformação no Brasil passa pelo direito de cidadania. "Não adianta o progresso se não chegar o sentimento de que cada cidadão deve ser tratado como pessoa humana nas cidades mais ricas. Portanto, lutaremos pelos mais pobres; e nas cidades mais pobres, pelos mais pobres de todos os pobres."

Ao todo, foram três desembarques: além de Santa Inês e Santa Luzia, Sarney parou em Alto Alegre — localidade onde o conflito pela posse de terra é constante. Por isso eram comuns as faixas de trabalhadores rurais, incentivando o programa de reforma agrária, e as cartas de posseiros e pequenos proprietários de terras passadas às pressas para o bolso do paletó do presidente.

Numa rápida visita aos jornalistas que embarcaram no último vagão do trem da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), Sarney comentou as dificuldades sentidas pela oposição para atacar o pacote econômico e seu plano de inflação zero: "Churchill já dizia que a oposição fere, e quando ela procede é mais dura ainda. Não é o caso agora".

Em São Luís, o presidente desceu na estação do bairro do Anjo da Guarda, encerrado assim a viagem inaugural do trem de passageiros da CVRD utilizando a linha de ferro Carajás. Às 19 horas, cansado, o presidente Sarney assinou no Palácio dos Leões, sede do governo local, um convênio para a implantação de um estudo de viabilidade de projeto agropecuário integrado na região dos cerrados próxima ao rio Tocantins. Na verdade, um ato simbólico: o governador Luiz Rocha havia armado um sistema de som na sacada do palácio para o presidente falar. Um pouco rouco, Sarney saudou milhares de conterrâneos concentrados na praça, afirmando ser hoje os brasileiros os responsáveis pelo "não à recessão, ao desemprego, à correção monetária e à inflação. Coisas que jamais voltarão ao País".



Foto Sérgio Borges - Telefoto Estado

A viagem de trem exige do presidente algum malabarismo

A saudação no Palácio

Esta é a íntegra do discurso do presidente Sarney no Palácio dos Leões, em São Luís:

"Brasileiras e Brasileiros do Maranhão. Duas palavras apenas para saudar o povo da minha terra, neste instante em que aqui reencontro as minhas emoções, reencontro as minhas saudades e as minhas paixões. Venho de Brasília e em Acailândia tomei o trem de Carajás para inaugurar o primeiro trem de passageiros que rompe o Maranhão das margens do Tocantins até a cidade de São Luís. Sabe Deus as minhas lembranças de voltar ao Maranhão e percorrer aquele mesmo caminho que percorri na ida quando era governador do Maranhão e que abri a estrada de São Luís a Acailândia. Rompemos a mata, chegamos à margem do Tocantins e formulamos o plano de incorporar a exploração de Carajás e aquelas jazidas através do Maranhão e para isso tínhamos que fazer uma infra-estrutura. Com a mesma determinação com que naquele momento, naqueles dias, em meio a tantas dificuldades, nós rasgamos o Maranhão para implantar uma nova mentalidade do Maranhão novo, da abertura para o progresso, hoje o destino me trouxe para abrir também os caminhos do Brasil, para que o povo brasileiro voltasse a ser o cidadão e tivesse os seus direitos reconhecidos e ao mesmo tempo exercitados. Hoje todos os brasileiros e brasileiras sabem que são brasileiros, que têm o direito e deveres, são os fiscais do presidente: que asseguro um não a recessão, não ao desemprego, não à inflação, não à correção monetária, coisas que jamais voltarão ao nosso país.

Venho de Carajás e vejo as potencialidades extraordinárias desse nosso grande Estado. A mim nesse instante, cabe responsabilidade perante o meu Estado de concluir aqueles sonhos que nasceram. Por isso mesmo determinei aos responsáveis pelo projeto Carajás, que imediatamente medidas para a implantação das indústrias que estão vindo para cá e ao mesmo tempo que se crie uma cidade industrial antes da ilha de São Luís, para que se possa preservar nessa cidade aquilo que ela tem da sua tradição. Vários projetos de minérios foram des-

cutidos durante a viagem. Com o ministro dos Transportes, renovei as determinações de terminar a estrada que eu comecei e que parou de Presidente Dutra até Porto Franco, que vai ser terminada. Por outro lado, deteminei ao ministro dos Transportes a renovação em bases muito mais modernas e maiores da frota de Ferry-Boats. Haverá uma estrada até o entroncamento de Maracacú, encurtando a vinda de Belém e também será terminada uma estrada que foi começada por mim há vinte anos atrás.

Estão chegando a São Luís os projetos sociais que estamos implantando no Brasil. Já no próximo mês a distribuição do leite para crianças até seis anos estará chegando a São Luís do Maranhão. E os programas sociais das creches. O programa das escolas técnicas que lancei, iremos fazer mais duas no interior do Maranhão. Além das escolas agrícolas, mais de cem mil hectares irrigados serão feitos e distribuídos na zona do Parnaíba, na zona da Baixada, na zona do Itapicuru.

Enfim, não vou cansar ninguém nesta praça, numa saudação de chegada, para dizer que as minhas obrigações com o Maranhão são obrigações de filho, e quem não é bom filho não presta para nada, diz o provérbio da nossa terra.

Mulheres e homens do Maranhão. Esta, já dizia o padre Vieira, é uma terra de sinos, quando ele dizia que era de sinos, dizia que o maranhense sabia ficar alegre e repicar nas aleluias e nos dias de graça como sabia ficar triste nos dias em que os seus olhos tinham lágrimas. Hoje para mim é um dia de repicar sinos em São Luís. Porque vejo esse povo que durante tantos anos me acompanhou na luta mais difícil da minha vida.

O destino, só o destino levado pelo Deus da minha fé, me entregou as responsabilidades de governar esta nação em um momento de tantas tormentas e de tantas dificuldades. Mas, como eu disse, ele não me trouxe de tão longe para me abandonar, nem para me fazer o síndico de nenhuma catástrofe; ele me trouxe para ajudar, para que eu possa ajudar o povo brasileiro. Muito obrigado."